



O ATLETA E O MITO DO HERÓI: AS SEDES DE UM DEVIR HUMANO

Resumo - A segunda edição de 'O atleta e o mito do herói' celebra não apenas o vigésimo ano da publicação de uma obra seminal, mas a trajetória intelectual de uma das, senão a mais importante pensadora do Movimento Olímpico Brasileiro, Katia Rubio. À frente do Grupo de Estudos Olímpicos da USP, a pesquisadora trouxe para o centro do imaginário esportivo contemporâneo a condição humana dos atletas, concebendo suas vozes, memórias e subjetividades como as fontes privilegiadas do conhecimento sobre os significados, contradições, mazelas e potências do esporte. A relação que sua obra estabelece entre atleta e jornada mítica se insere nesse contexto demandando a concentração de esforço interdisciplinar e rigor metodológico na apreensão de trajetórias que, para além da obrigatória busca pelo vencer, destacam-se por certa fidelidade a uma vontade de Ser. Vontade que nos oferece uma fortuna de imagens, dentre as quais se destacam os gestos de enfrentamento a forças de desumanização que não raro fazem do esporte o seu instrumento. Fruto de uma releitura e diálogo com a obra em foco, a presente reflexão busca sustentar a ideia de que o atleta e o mito do herói, mais do que categorias sociais e antropológicas, representam as próprias sedes de um novo Devir Humano.

Palavras-chave: atletas brasileiros; mito do herói; Katia Rubio.

THE ATHLETE AND THE HERO'S MYTH: PLACES OF BECOMING HUMAN

Abstract – The second edition of 'O atleta e o mito do herói' celebrates not only the twentieth year of the publication of this seminal work, but the intellectual trajectory of one the most important thinkers of the Brazilian Olympic Movement, Katia Rubio. At the head of Grupo de Estudos Olímpicos of USP (BRA), she brought the human condition of athletes to the center of contemporary sports imagery, considering their voices, memories, and subjectivities as privileged sources of knowledge about the meanings, contradictions, injustices, and potency of sport. The relationship that her work established between athlete and mythical journey demands a concentration of interdisciplinary effort and methodological rigor to the apprehension of trajectories which, beyond the obligatoriness to the search for winning, also stand out dedicated to a certain fidelity to a desire to Being. A desire that offers us a fortune of images, such a set of gestures of confrontation against the forces of dehumanization that often make sport their instrument. As a result of a reinterpretation and dialogue with Rubio's work, the present reflection supports the idea that the athlete and the hero's myth, more than social and anthropological categories, represent the headquarters of a Becoming Human.

Keywords: Brazilian athletes; myth of the hero; Katia Rubio.

EL ATLETA Y EL MITO DEL HÉROE: LA SED DE UN VOLVERSE HUMANO

Resumen - La segunda edición de 'El atleta y el mito del héroe' celebra no solo el vigésimo año de la publicación de una obra fundamental, sino la trayectoria intelectual de una de las, si no la más importante, pensadora del Movimiento Olímpico Brasileño, Katia Rubio. Al frente del Grupo de Estudios Olímpicos de la USP, la investigadora llevó la condición humana de los deportistas al centro del imaginario deportivo contemporáneo, concibiendo sus voces, recuerdos y subjetividades como fuentes privilegiadas de conocimiento sobre los significados, contradicciones, males y poderes del deporte. La relación que su obra establece entre un deportista y un recorrido mítico se inserta en este contexto, exigiendo la concentración del esfuerzo interdisciplinario y el rigor metodológico en la comprensión de trayectorias que, además de la búsqueda obligada por ganar, destacan por una cierta fidelidad a una Voluntad de Ser. Voluntad que nos ofrece una riqueza de imágenes, entre las que destacan los gestos para afrontar las fuerzas de la deshumanización que muchas veces hacen del deporte su instrumento. Fruto de una reinterpretación y diálogo con la obra en foco, la presente reflexión busca sustentar la idea de que el deportista y el mito del héroe, más que categorías sociales y antropológicas, representan la propia sede de un nuevo Volverse Humano.

Palabras-clave: Atletas brasileños; mito del héroe; Katia Rubio.

Neilton de Sousa
Ferreira Júnior

Escola de Educação
Física e Esporte

Universidade de São
Paulo, Brasil

neilton.ferreirajunior
@gmail.com

[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v5.id120](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id120)

Recebido: 19 mar 2021

Aceito: 24 mar 2021

Publicado: 28 mar 2021

Eu morreria feliz se visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas. Marcha dos que não têm escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e estão proibidos de ser (Paulo Freire¹).

Sem o mito, toda cultura perde a naturalidade de sua força criativa: um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural. Todas as forças da fantasia e do sonho apolíneo são salvas de seu vagar ao léu somente pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas (Friedrich Nietzsche²)

A disputa pelo esporte e pela alma de seu protagonista

Se fosse possível representar com apenas uma imagem o que é o Esporte contemporâneo, diria, à luz de ‘O atleta e o mito do herói’³ que se trata de um imenso campo de disputas em que os mais diferentes interesses e projetos são postos em jogo. Fundamento sobre o qual se sustentam todas as práticas culturais, o jogo, no campo esportivo, é a linguagem por meio da qual os atletas tanto travam lutas em nome de alguma coisa, como representam uma luta jogando⁴. Dessa forma, tornam-se não apenas protagonistas, mas a razão de ser e a própria substância bioquímica deste que se tornou um dos, senão for o mais importante fenômeno sociocultural do planeta, o Esporte. Por isso mesmo, os atletas são também os alvos prediletos de forças econômicas notadamente hábeis e empenhadas na criação de semânticas e pedagogias de redução do corpo de seus corpos à condição de forças produtivas e mercadorias. Em que pese a indiscutível legitimidade da condição trabalhador-atleta, é preciso reconhecer o fato de que desta ‘relação trabalhista’ nunca foi possível derivar algum equilíbrio. Pelo contrário, a forma Esporte Espetáculo no Brasil celebra o mesmo drama de uma classe trabalhadora global, cada vez mais sem direitos, descartável e precária, à exceção dos pouquíssimos atletas e executivos, donos de supersalários.

Ocorre que em nossa época, forças econômicas, sempre muito bem amparadas científica e politicamente, seguem sendo intransigentemente defendidas, não apenas como ‘a razão’, mas como ‘a única razão possível’ num mundo em que a própria subsistência passa a depender cada vez mais do grau de aderência dos indivíduos à lógica da mensuração, quantificação, comparação, codificação, precificação e competição

contra o outro.⁵ Na origem dessa nova razão, cuja expressão esportiva ganha ares de celebração, encontramos aquilo a que Joseph Campbell⁶ identificou como “os firmes e certos golpes da modernidade que fizeram a teia onírica do mito ruir (p. 372)”. O Esporte, conforme analisam Pierre Dardot e Christian Laval⁵, “continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos (p. 345)”, ao mesmo tempo em que ao longo do século XX demonstrará uma distinta capacidade de adaptação seja ao fascismo, seja ao comunismo soviético, seja ao próprio capitalismo. Mais a diante, o Esporte sofreria uma mudança caracterizada pelo “empréstimo de determinado léxico [o empresarial], mas também, de forma ainda mais decisiva, [uma] lógica do desempenho que altera seu significado subjetivo (p. 345)”⁵.

Produto da modernidade, o Esporte tornou-se uma relação social cujo expediente prioritário – e inegociável – é o da reprodução da sociedade do espetáculo, com uma diferença fundamental que se observa na capacidade que alguns poucos portadores de habilidades excepcionais têm de mobilizar imagens e afetos que escapam ao expediente acima mencionado. O atleta contemporâneo, assim, encontra-se no centro ou no limiar de uma disputa que, transcendendo o próprio campo esportivo, mobiliza as bases filosóficas e culturais constitutivas do humano. Processo que transita entre a contemporânea precarização forjadora dos chamados empresários de si mesmos⁵, às experiências de liberação da vontade de potência individual ou coletiva constitutivas de novos valores. O herói-atleta ao qual Rubio³ se refere encontra-se neste segundo plano, quase sempre eclipsado pelo primeiro, mas ainda assim passível de observação quando utilizados os instrumentos teóricos certos³.

O herói-atleta na cultura contemporânea

A aproximação que a autora estabelece entre o mito do herói e o atleta contemporâneo compreende assim uma retomada, pela cultura esportiva, da discussão sobre os desdobramentos de uma operação da razão moderna que resultou na cisão entre espírito apolíneo e dionisíaco². Processo que mais tarde se fará representar pela ciência industrial do desempenho e ideologia da vitória, uma vez concebidas como formas ou estágios ‘superiores’ de experiência esportiva, a despeito dos custos à integridade humana. Seria o herói-atleta, portanto, a personificação moderna de um antagonismo

dirigido contra as forças de desumanização, ainda que, tal como o herói mitológico, esse atleta não escape ao risco de ser absorvido pelos feitos do seu tempo?^{3,6}

Publicada pela primeira vez em 2001 pela psicóloga e teórica social brasileira, Katia Rubio, a presente obra segue em busca das reminiscências, bem como das formas originais da denominação herói. Toma como ponto de partida as pistas oferecidas pela circulação corrente do termo, até chegar às inscrições imemoriais do mito daí então utilizá-las como categorias de análise da trajetória de atletas olímpicos brasileiros. No caminho de retorno ao tempo presente, ela percorre ainda o caudaloso terreno da cultura, enfrentando o labirinto da passagem da modernidade à pós-modernidade. Assim ela chega àquilo a que – à luz de autores como Fredric Jameson, David Harvey, Gilbert Durand, Joseph Campbell, Cornelius Castoriadis, Mircea Eliade, José Carlos de Paula Carvalho, dentre outros – denominou como *Cartografias do Imaginário Esportivo Contemporâneo*³.

Rubio inicia sua argumentação utilizando-se de imagens da nossa biologia evolutiva para demonstrar que, em certa medida, somos todos heróis³; posto que nossa trajetória no mundo é atravessada, inelutavelmente, pelo enfrentamento de transformações que se iniciam ainda em fase pré-natal. O passar “da condição de criaturas aquáticas vivendo no fluído amniótico à condição de mamíferos que respiram oxigênio, e que mais tarde se erguerão sobre os próprios pés (p. 11)”³, seria apenas a primeira das grandes transformações que nos acompanham. São processos que nos revelam como seres dotados de uma predisposição para movimentos de saída e gestos ascensionais, os quais encontram no conjunto de imagens disponíveis na natureza, bem como nas formas animais, as referências mestras que permitem à nossa espécie distinguir-se e prevalecer sobre as demais, passando da mimese ao desejo de autocriação e descoberta que orienta nossas migrações, epopeias e tragédias⁷. Mais adiante, esse movimento ganharia representações narrativas, artísticas e religiosas, ricas em personagens solares, lunares e crepusculares: as bases constitutivas de nossa estrutura psíquica⁶.

É nesse ‘lugar’, conforme nos indica Rubio³, que se encontram as formas originais e universais do mito do herói: uma dentre as inúmeras formas míticas de apreensão da natureza e do cosmos e que, em essência, se repete em todo lugar, época e cultura³. Longe de representar uma mentira ou falsificação do real, diz a autora, o mito do herói tem por função primeira estabelecer uma ordem original de funcionamento e determinação do real, congregando agência divina e terrestre no processo que permite às coisas serem

como são³. O mito compreenderá, por isso mesmo, uma história; narrativa de caráter exemplar, tradicionalmente personificada na figura de deuses e deusas, heróis e heroínas, mas também homens e mulheres cuja trajetória é, de algum modo, dedicada à liberação do fluxo de fluxos vitais⁶. Conforme mencionado há pouco, representações míticas não se restringem ao passado, tampouco se esgotam no presente. “Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias (p. 15)”, dirá Campbell⁶, “os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos (p. 15)”.

Força de presentificação, o mito do herói permanece não como repetição, mas como referencial primeiro das respostas que os homens e mulheres dão aos desafios do seu tempo histórico. A trajetória dos atletas contemporâneos confere contornos próprios a estas respostas, estabelecendo paralelos com formas de agência mítica (Hércules, Obá, Gilgamesh) produtoras de grandes obras, a exemplo de Adhemar Ferreira da Silva, Aída dos Santos, Joaquim Cruz, dentre outros^{3,6}. À semelhança dos heróis de tempos imemoriais, esses atletas atuam nos limiares de suas capacidades e potências, carregando sobre os ombros expectativas particulares, mas principalmente da população, cidade, país e instituições as quais representam³. Quase sempre solitárias, suas jornadas têm por objetivo a busca de vitórias, medalhas e da garantia de subsistência, que se sustenta num desejo de reconhecimento genuíno. Segundo Campbell⁶, seja esse herói-atleta “ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial (p. 42)”, a não ser no que se refere à “morfologia da aventura, nos papéis envolvidos, nas vitórias obtidas (p. 42)”. No cenário esportivo contemporâneo, conforme Rubio³ nos sugere, os significados do feito esportivo e de seu reconhecimento mudam como efeito da própria transição do amadorismo para o profissionalismo³. Processo que submete o desempenho esportivo ao mesmo circuito da precificação das mercadorias da sociedade capitalista. Se na sua primeira fase o Esporte moderno tinha no princípio do amadorismo um estatuto moral e ético que, pelo menos em tese, assegurava à performance um valor em si. Na fase do profissionalismo é o dinheiro que passa a determinar os fins e sentidos da performance. É quando as trajetórias esportivas e, mais especificamente, os sonhos de ser olímpico, passam a depender da provisão/maldição do deus cego, Pluto, configurando um cenário de luta e transformação particular a sua época.

Esse estado contemporâneo da cultura compreenderia ainda um momento de passagem da modernidade a uma pós-modernidade em que passado e presente se chocam, estabelecendo formas novas de sociabilidade, produção cultural e identidades sempre resistentes aos enquadramentos; ao mesmo tempo em que as referências ao moderno não desaparecem, pelo contrário, resistem à mudança. Processo no interior do qual emerge uma indústria cultural e um mercado financeirizado, seguido da proliferação de tecnológicas constitutivas das formas espetaculares de representação e exploração do humano, fonte dos novos e intensos debates sobre a questão do ser⁸. Disso não escaparão os atletas, que de representantes de atividades voltadas à reparação e à contemplação passaram à condição de protagonistas de um sistema que os explora não só enquanto vendedores de força de trabalho, mas como protagonistas de um ‘não-trabalho’ que, por assim o ser, é esvaziado das condições materiais e simbólicas que melhor os localizariam na luta da classe trabalhadora contra a dominação capitalista, em nome da vida para além da necessidade de subsistência. Conforme Debord⁸ postulou sobre o nosso tempo, a substância imaterial de identificação do Ser foi assim se esvaindo no momento mesmo em que a cultura foi se descolando da unidade típica do mito, isto é, quando seu poder de unificação já não se lhe reconhece qualquer relevância sobre e para a vida humana⁸. Esse quadro impõe aos heróis modernos das mais diferentes áreas, tarefas não menos difíceis, se comparadas as que os heróis mitológicos tiveram que realizar⁶.

É o herói-atleta que civiliza o esporte

A forma como os gestos cívicos dos atletas mobiliza afetos na sociedade sugere haver um deslocamento próprio da passagem do moderno ao pós-moderno em que a luta dos oprimidos não se fará representar somente pelo operariado industrial, mas pelo conjunto de trabalhadores e trabalhadoras da cultura uma vez submetidos aos mesmos mecanismos de opressão de classe, sexo e raça, invariavelmente associada aos sistemas capitalista e neocolonial. Em artigo intitulado O herói de rosto africano e o atleta Olímpico, Ferreira Junior⁹ resgata trecho em que Muhammad Ali aborda o caráter simbólico da opressão vivida pelos negros. “Roubaram nossos nomes (p. 201)”, dizia Ali, “[...] Fomos escravizados, roubaram nossa cultura, nossa verdadeira história, nos deixaram como mortos caminhantes. Não sabemos nada sobre nós mesmos, não falamos nosso idioma. Estamos mentalmente mortos; isso acontece no mundo todo (p. 201)”.

Muhammad Ali foi um boxeador afro-americano cuja trajetória esportiva se confundia com a luta antirracista e anti-imperialista travava ao lado de outros atletas e representantes do movimento negro contra o estado americano nos anos 1960.

Ali é um dentre os muitos exemplos a demonstrar que mesmo nas mais adversas condições de prática esportiva, uma trajetória atlética pode muito em sua tarefa política de humanização e (re)encantamento do mundo. Conforme argumenta Campbell⁶, é da agência mítica o poder da liberação de forças através das quais “as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas (p. 16)”. De modo que a própria ação humana se vê impregnada das forças de transformação outrora narradas como feitos de heróis imemoriais. A despeito de sua opacidade, os efeitos de sua presença e ação são secretamente vigorosos. O caso de Adhemar Ferreira da Silva, conforme nos lembra Rubio³, é exemplar no que tange a forma ambígua e quase sempre póstuma com que heróis olímpicos brasileiros são ‘celebrados’: “Reverenciado por seu feito raro durante sua carreira atlética, tratado com esquecimento durante a vida fora das pistas, foi ovacionado como herói por todos os meios de comunicação no dia de sua morte (p. 13)”.

Quando analisada ao pé da história, a trajetória de Adhemar assume características similares ao papel das grandes obras artísticas e teóricas, seja por sua capacidade de inaugurar tradições em sua área de atuação, seja por sua capacidade de se apresentar como horizonte possível aos que aspiram a uma jornada esportiva. Os significados do esquecimento, do não reconhecimento, ou mesmo o desconhecimento do herói pelo seu próprio povo atualizam-se na narrativa que Adiel, filha de Adhemar, elabora sobre o término da carreira do bicampeão olímpico. Ao resgatar essas memórias, ‘O atleta e o mito do herói’ procura nos alertar sobre o que uma sociedade refém da lógica econométrica e do racismo tem a perder em termos de construção da própria identidade, quando deixa de celebrar seus heróis culturais. Mais que um atleta, Adhemar foi um verdadeiro diplomata, pois levava para outros lugares o melhor de seu país e de si mesmo. Não dissertou sobre a questão racial tal como brilhantemente fazia Muhammad Ali, mas o enfrentou da forma mais criativa possível num período em que o mais pacífico dos protestos negros poderia lhe interromper não só a saga Olímpica, mas a vida^{3,9}.

O heroísmo atlético, portanto, conforme propõe Rubio³, não se refere necessariamente à condição dos vencedores ou mártires, mas – e talvez fundamentalmente – às características que cada trajetória assume no inelutável

enfrentamento às injustiças que se reproduzem no e através de um sistema esportivo historicamente refratário aos ‘rebeldes’. Pensar o processo, permitiu à pesquisadora compreender o papel das desventuras, do périplo e mesmo das derrotas na ‘formação’ desses atletas. Ao mesmo tempo que lhe deu a chance de pensar o esporte a partir dos desafios colocados pela sua sociabilidade cotidiana. Nesses termos, herói será todo homem ou mulher que desafia as limitações históricas pessoais e locais, alcançando, conforme Campbell⁶ analisou, “[...] formas normalmente válidas, humanas” que se tornam inspirações e ou “[...]fontes primárias da vida e do pensamento humano (p. 16-17)”.

Ancorada à função arquetípica dos mitos, mais especificamente ao monomito de Campbell⁶, Rubio³ procura escapar à hagiografia (história dos santos), recuperando das trajetórias atléticas de brasileiros ‘comuns’ à sua potência trans valorativa das formas naturalizadas de precarização e determinação sócio-históricas. Através das experiências relatadas pelos próprios atletas, dos cenários de violência simbólica e de solidariedade, das interdições e constituição de vínculos, ela vai iluminando um cenário complexo, o qual poderia ser caracterizado como as próprias ‘vísceras’ de uma luta pela materialização da vontade de Ser/Estar no mundo enquanto atleta. As ações e reações que decorrem dessa relação quase sempre assimétrica entre racionalidades desumanizantes e busca pelo Ser-Mais¹, são ricas em ensinamentos, questões éticas e filosóficas que nos ajudam a manter viva a pergunta sobre qual é o papel social do Esporte em nossa época.

Filhos de seu tempo e contexto histórico, muitos desses heróis-atletas são levados ao Esporte pelo acaso. Encontro não raro marcado por experiências de arrebatamento e encanto, dada as características da socialização nas modalidades esportivas, bem como da relação estabelecida com os Quírons^{1,10}. Esse processo estabelecerá paralelos com as mais espetaculares aventuras da mitologia, pois, se outrora o mote das epopeias, tragédias e comédias foram as guerras entre impérios ou a luta contra a ira dos deuses, hoje, as razões que justificam as experiências iniciáticas dos heróis-atletas falam sobre a possibilidade de participação em grandes projetos, da possibilidade de representação nacional e, em muitos casos, da possibilidade de se escapar às condições tanto mais precárias que a sociedade de classes reserva às infâncias pobres. Por meio do Esporte, o indivíduo dá corpo a um desejo que ao longo do trajeto esportivo vai se redimensionando

e, não raro, constituindo-se ele mesmo a força que permite ao sujeito contestar as injustiças e arbitrariedades que não raro organizam o próprio contexto esportivo^{1,9-10}.

Embora o retorno ao mito compreenda um dos pilares da presente reflexão, não será difícil perceber que o contexto social e histórico que sua autora busca iluminar é o do Brasil contemporâneo e sua modernidade tardia. Esse cenário distingue decisivamente a forma e os rumos que as respectivas trajetórias esportivas assumem. Diz Rubio³ que, “assim como os heróis mais intrépidos tiveram suas vidas e trajetórias marcadas por variadas provas, necessitando demonstrar todo o seu vigor como sua inteligência, desviando-se ao longo da jornada de sua trajetória inicial (p. 216)”, os atletas brasileiros encontram-se diante de forças terrenas, não menos poderosas do que a fúria dos deuses, a saber: a burocracia autocrática das Confederações. Em certo aspecto, suas histórias de vida não deixam de ser a história das relações de poder que se constituem no interior de uma República em crise e onde os princípios democráticos parecem não gozar de prestígio entre os dirigentes esportivos.

A partir das considerações de Anthony Giddens¹¹, Rubio³ compreenderá nossa modernidade como um conjunto de “transformações institucionais que têm suas origens no Ocidente (p. 153)”. Transformações que, não sem contradições, se estenderam às frações de uma classe social há muito impedida de acessar os espaços de educação e prática esportiva originalmente reservados à aristocracia. Dentre as consequências desse processo está a emergência de filhos da classe trabalhadora que passam a fazer parte do imaginário social não só por contribuírem para a popularização da modalidade a que pertencem, mas por protagonizarem embates políticos chave. Esse grupo é formado por atletas negros, mulheres, homossexuais, dentre outros membros da classe trabalhadora nacional que, voluntária e involuntariamente, transformam suas trajetórias esportivas em verdadeiras expressões de um desejo coletivo de liberdade e soberania. Ao produzirem, a seu modo, os fatos políticos de contestação da cultura esportiva moderna, esses atletas tornam-se os próprios coautores de experiências estéticas e políticas novas. Tal como a jornada mítica de Cadmo, acabam por atualizar, assim, representações heroicas de fundação de novos sistemas sociais, valores e linguagens. O novo recorde, o novo salto, novo drible, uma denúncia ou protesto, são, para os atletas, o que os artefatos e a resolução de enigmas foram para os heróis míticos: formas que os auxiliam em suas tarefas de abertura, criação ou mesmo destruição de uma dada ordem⁹.

Pleno de controvérsias, o Esporte brasileiro impõe desafios específicos ao seu protagonista. Se para alcançar sua redenção, vencer a hidra ou recuperar o amor perdido, o herói mítico precisa escapar à própria face da morte, ao atleta brasileiro compete não só aderir a certo ‘exílio social’, mas manter-se em constante e quase autodestrutivo estado de exceção e alerta. O culto ao desempenho celebrado pela sociedade industrial, agora tanto mais intensificado pela sociedade pós-industrial e do desempenho, deu ao Esporte nacional uma forma social na qual só é possível permanecer mediante exercícios de sobrevivência nas fronteiras do humanamente possível. Ao privilegiar o périplo por qual passa o atleta, Rubio³ procura iluminar o que desta relação ainda resta de demasiado humano e essencialmente antropológico, uma que as lógicas sociais e econômicas do esgotamento do sujeito estão visivelmente dadas e sua disputa transcende o espaço da prática esportiva. Desse modo, ela procura avançar para além do ‘pessimismo’ de Campbell⁶ sobre o que ele compreendeu por cultura moderna, dando à subjetividade dos atletas a vez da expressão sobre o que é e o que pode vir a ser a cultura esportiva. O resultado disso é justamente a costura, por vias outras, de uma crítica à racionalidade do espetáculo que busca esvaziar do Esporte as fontes da sua poética.

Para além do reconhecimento às mazelas, belezas e ensinamentos da trajetória atlética e suas similaridades com a proposta do monomito, o horizonte que se abre à luz da leitura de ‘O atleta e o mito do herói’ se refere ao que classifico como projeto de recomposição artística e poética da relação dos sujeitos com a cultura esportiva. Sonhado originalmente por Pierre Coubertin, esse projeto só poderia se estabelecer, hoje, a partir de ensaios de interpretação que evoquem do Esporte alguma ‘essencialidade’, vocação ou projeto que não a dominação do corpo pelo próprio Esporte. Ao revelar o mito do herói não como parte do imaginário esportivo contemporâneo, mas como seu conteúdo nuclear ocultado, a obra de Rubio³ se (e nos) insere numa disputa pelo ser humano, face a valorização das alegorias e do efêmero mantenedores dos racismos, machismos, xenofobias e outras formas de desumanização. Juntamente com os aportes da crítica da modernidade e da mitocrítica, a autora retoma o debate sobre a potência ontológica, e, porque não dizer emancipadora do Esporte³. Potência que se manifesta nas (i) razões intrínsecas que levam milhares de crianças e jovens a fazer da prática esportiva uma forma de se-Estar, se relacionar e conhecer o mundo; nas já mencionadas (ii) experiências de profanação do modelo esportivo burguês, masculino e branco; e na (iii) condução do

debate sobre a necessidade do reconhecimento aos limites do corpo humano, amplamente evocados nas histórias de vida analisadas pela autora. Seu trabalho segue o raciocínio segundo o qual o Esporte (pode), para além das enterradas, dos touchdowns, gols, *ippons* e quebra de recordes, abrir um espaço-tempo de emergência das percepções holísticas, da vontade de se estar fazendo parte de uma grande comunidade, de com ela partilhar desejos de transcendência, transformação, desenvolvimento^{3,12}.

O herói-atleta como espelho das nossas potências e heteronomias

Ao recompor às trajetórias atléticas, privilegiando a memória oral dos seus protagonistas, a autora nos provoca no sentido de pensarmos se a estrutura heroica atualizada nos respectivos itinerários se refere a um processo puramente autodeterminado ou condicionado pelas disposições históricas e culturais em que se manifesta. A relação que estabelece entre subjetividade e objetividade social nos permite avançar da defesa de um ponto de vista para as implicações sistêmicas da trajetória esportiva. Por isso mesmo é que sua análise não pode ser reduzida a uma apologia da sociabilidade neoliberal, equivocadamente denunciada por Santiago Pich¹³. O que a obra coloca em destaque, pelo contrário, são os imperativos de um projeto societário moderno que, em nome da ‘razão’, do ‘progresso’ e do lucro, não cessa de precarizar os precarizados e, por isso mesmo, convocá-los às lutas e resistências, sejam elas mais organizadas ou mais individualizadas.¹⁴

Com isso, a autora chama a atenção para a necessidade de pensarmos o atleta contemporâneo a partir da sua inteireza paradoxal, isto é, da condição na qual se encontram estes homens e mulheres, sujeitos às limitações impostas pela superestrutura, ao mesmo tempo que portadores de potências indispensáveis à transformação do contexto a que pertencem. Processo que ganhará cada vez mais corpo, tão logo às imagens da alienação se some a fortuna de imagens da rebeldia e do devir humano.

Ao longo do século XX, sobretudo a partir dos anos 1950, o Esporte passou a ocupar cada vez mais as programações televisivas, ganhando status de entretenimento de massa e plataforma de ‘ascensão financeira’. Processo que modificou definitivamente a forma como o atleta brasileiro, mas também os espectadores, passaram a se relacionar com as práticas esportivas. Cabe reiterar que o Esporte não é apenas produto da modernidade, mas assume a forma que a passagem da modernidade à pós-modernidade

lhe dá. Transição que implica uma mudança no plano das técnicas, das políticas e infraestruturas disponíveis à produção do espetáculo, das respectivas trajetórias, de uma ética universal. Nesse atual estágio de desenvolvimento esportivo em que as experiências de ruptura deixam de ser exceção e passam a ser a regra, o próprio corpo da prática esportiva vai se tornando sede da produção do pós-humano. Aqui, o parâmetro do que vem a ser o limite já não é a exaustão dos corpos, mas seu colapso¹⁴.

Essa condição do Esporte contemporâneo, conforme Rubio³ postula, retomando as reflexões de Fredric Jameson, resulta de um período pautado por uma dominante cultural constitutiva de uma nova ordem social, bem como de “um novo estágio na história do modo de produção reinante (p. 32)”, impõe uma urgente discussão acerca dos rumos da própria cultura, desde num plano mais geral, quanto num plano mais particular. Por isso mesmo é que pensar a condição humana do atleta não é trivial, uma vez que seu corpo e desempenho têm compreendido hoje a própria ‘matéria prima’ de experimentos em bio e neuro tecnologias computacionais aceleradoras de sua obsolescência. Essa engrenagem tecnológica tem por matriz uma racionalidade capitalista que, aniquilando ou fetichizando as imagens heroicas de sacrifício, transformam-nas na própria liturgia do regime da acumulação de capital¹⁴. Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche¹ aprofunda a esta reflexão, chamando a atenção para as funções do mito e consequências da sua subtração. Sem o mito, diz o filósofo

[...] toda cultura perde a naturalidade de sua força criativa: um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural. Todas as forças da fantasia e do sonho apolíneo são salvas de seu vagar ao léu somente pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas [...] coloque-se agora ao lado desse homem abstrato, guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato: represente-se o vagar desregrado, não refreado por nenhum mito nativo, da fantasia artística; imagine-se uma cultura que não possua nenhuma sede originária, fixa e sagrada, senão que esteja condenada a esgotar todas as possibilidades e a nutrir-se pobremente de todas as culturas – esse é o presente, como resultado daquele socratismo dirigido à aniquilação do mito (p.135).

Concebido sem maiores contestações como sede dos extremos e do extraordinário, o corpo do atleta contemporâneo vai sendo assim refeito, tornando-se o próprio molde de

suas versões ciborguizadas. No interior das engrenagens da subtração do mito, o corpo humano até então portador único da alta performance, torna-se corpo da passagem da modernidade à pós-modernidade, oferta sacrificial de um rito de interpenetração entre forma humana, formas pós-humanas e formas transumanas¹⁵. São estas as (não tão novas) forças que, somadas as forças econômicas, ocupam a quase totalidade do debate sobre corpo e performance. E antes mesmo que uma resposta a tais questões emergja, nosso tempo histórico tem conhecido as mais diferentes expressões sintéticas representantes da cisão entre a performance e o humano. Na era do ciborgue e da dissolução do humano, ganhar uma medalha olímpica deixou de depender tão somente do *citius, altius, fortius* para ser o resultado dos graus de convergência tecnológica. Segundo Tadeu,¹⁵ são agora os “implantes, transplantes, enxertos, próteses [...] os estados ‘artificialmente’ induzidos e maximizados” (p. 12), os quais ocupam cada vez mais o centro da cultura da alta performance. Processo que tem contribuído para a produção de “seres artificiais que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos (p. 12)”¹⁵.

Em pesquisa intitulada ‘This is Olympic Peak’, Thompson e Ma¹⁶ demonstram que por volta de 2005 o desempenho médio dos atletas de alta performance teria atingido o seu ‘platô’. Eles argumentam que depois de quase cem anos de aprimoramento constante da performance atlética, parece que estamos entrando numa fase de pico em que os novos recordes e performances excepcionais não deixarão de aparecer, mas dependerão cada vez mais da introdução de novas tecnologias auxiliares.

Uma das narrativas que nos permite pensar a profundidade desta condição é o mito de Ícaro, cuja história é marcada pela falta de equilíbrio no uso de suas asas de cera, conforme recomendara Dédalo, seu pai. Encantado com a possibilidade de voar para perto do Sol, Ícaro teve suas asas derretidas pelo calor da grande estrela, o que provocou a queda livre que resultou na sua morte no mar Egeu. Essa narrativa nos permite entender que embora o uso de tecnologias (barcos, espadas, escudos, lanças, armadura, sandálias, dentre outras) seja uma constante tanto nas jornadas dos heróis mitológicos quanto nas trajetórias atléticas, ambos partilham da incapacidade biológica de voar e do risco de ceder a algum feitiço ou fascínio.

Longe de querer com isso defender posição contrária às tecnologias, quero apenas ponderar, com base na leitura de ‘O atleta e o mito do herói’, que a reflexão (quase sempre

tardia) sobre as implicações bioéticas dos novos usos (e abusos) das tecnologias do desempenho, talvez já não seja suficiente. A esta discussão é preciso acrescentar a reflexão sobre os próprios rumos da cultura esportiva, uma vez submetida à hegemonia da razão capitalista do recorde. A subtração da função social e simbólica do Esporte não é, ou pelo menos não deveria ser encarada como um ‘processo natural’, mas resultado de uma forma social historicamente urgida e que, por isso mesmo, pode ser mudada. Daí a importância das categorias da Antropologia Cultural e do Imaginário trazidas por Rubio³. Sua feliz e providencial incorporação ao campo de pesquisa do Esporte parece nos convocar, tal qual um chamado à aventura, à tarefa prometeica de recuperação da chama aos mortais. Ela nos fornece categorias de análise que nos conduzem para a outras formas de olhar, experimentar e, como consequência, transformar o Esporte. Nesse processo, as histórias de vida dos atletas olímpicos brasileiros se mostram fundamentais, não só por oferecem conteúdos de análise, mas por compreenderem parte constitutiva de uma cartografia e ou contra história do Esporte nacional, a partir da qual é possível falar de uma cultura esportiva coletivamente elaborada e potencialmente rebelde às elaborações mais verticais sobre o que vem a ser o esporte.

Em certo momento da obra, a autora nos adverte sobre a existência das várias formas de se caracterizar o fenômeno esportivo, sendo a categoria dos atletas, bem como as razões que os fazem prosseguir no Esporte, o ponto de partida ou referência mais privilegiada de análise. A história recente nos ensina que a instrumentalização do Esporte em nome de políticas ‘civilizacionais’ de fato traduziu-se na universalização de particularidades europeias pouco interessadas na dimensão subjetiva das gentes. Esta mesma estratégia serviu de base às ideias de ‘modernização’ e higienização, que ganharam nos expedientes ginásticos e competitivos a sua expressão mais prática^{14,17-18}.

Por muito tempo, a ‘educação esportiva’ foi concebida como o talho da docilização e domesticação dos corpos. Maquinaria de reprodução da virilidade necessária à participação na sociedade dos direitos individuais e do ‘livre mercado’. Contexto que se tornou lugar comum a partir do qual muitos atletas brasileiros seguiram rumo à realização de seus sonhos. Mas foram esses mesmos atletas que, por meio de suas trajetórias, colocaram em causa os contratos estabelecidos pela sociedade acima mencionada, demonstrando que o Esporte, longe de ser em si um sistema virtuoso,

desenvolve-se como expressão da hegemonia dos interesses da classe economicamente dominante^{14,18-19}.

O mundo da passagem da modernidade à pós-modernidade, no qual ainda sobejam a razão nacional, das fronteiras de gênero, de raça e de classe, não é o mundo da negação da cultura, mas da sua conformação à racionalidade do que se entende ser única via possível ou fim das grandes transformações históricas^{5,14}. Nesse contexto, o mito segue vivo, ainda que eclipsado e vilipendiado por uma espécie de forclusão promovida pela ideologia que se impõe como a razão⁵. Fazendo caminho inverso, ‘O atleta e o mito do herói’ se inscrevem entre as produções que propõem não só uma contra história do Esporte, mas a recuperação e valorização de sua fortuna imaterial³.

Em outras palavras, ao tomar por fio norteador a dimensão da vontade-de-Ser-no-mundo¹, distintamente manifesta na jornada heroica dos atletas, Rubio³ estabelece paralelo com o mito não para fins meramente comparativos, mas propondo um exercício/ensaio de aproximação entre experiência esportiva, seu conteúdo simbólico. Com esse gesto, a autora estaria preparando o terreno da tarefa que se apresenta imediatamente após o indispensável exercício da crítica, a saber: dar ao Esporte um Esporte diferente³.

A partir dessa operação, a concepção de Esporte como cultura elevada poderia então retornar ao debate público, não mais como negação, mas como afirmação de suas contradições rumo às experiências de assimilação, mas principalmente de inserção, por meio das quais é possível inverter o jogo que submete o corpo ao Esporte e não o esporte ao corpo. Isso não significa desprezar as técnicas ou a centralidade da competição. Trata-se, pelo contrário, de pensar sua instrumentalidade com vistas àquilo a que Paulo Freire classificou como tomada de consciência das possibilidades do Ser-mais¹. Em Humano, demasiado humano, Nietzsche²⁰ nos traz alguns parâmetros do que podemos conceber por cultura elevada, argumentando que

[...] se a ciência proporciona cada vez menos alegria e, lançando suspeita sobre a metafísica, a religião e a arte consoladoras, subtrai cada vez mais alegria, então se empobrece a maior fonte de prazer, a que o homem deve quase toda a sua humanidade. Por isso uma cultura superior deve dar ao homem um cérebro duplo, como que duas câmaras cerebrais, uma para perceber a ciência, outra para o que não é ciência; uma ao lado da outra, sem se confundirem, separáveis, estanques; isto é uma exigência da saúde. Num domínio a fonte de energia, no outro o

regulador: as ilusões, parcialidades, paixões devem ser usadas para aquecer, e mediante o conhecimento científico deve-se evitar as consequências malignas e perigosas de um superaquecimento. Se esta exigência de uma cultura superior não for atendida, o curso posterior do desenvolvimento humano pode ser previsto quase com certeza: o interesse pela verdade vai acabar, à medida que garanta menos prazer; a ilusão, o erro, a fantasia conquistarão passo a passo, estando associados ao prazer, o território que antes ocupavam: a ruína das ciências, a recaída na barbárie, é a consequência seguinte; novamente a humanidade voltará a tecer sua tela, após havê-la desfeito durante a noite, como Penélope. Mas quem garante que ela sempre terá forças para isso? (p.158-159).

Como ler O atleta e o mito do herói hoje?

A mitocrítica de Rubio³ permanece assim debruçada sobre uma relação sujeito e contexto (social/esportivo), que de certa forma se filia à concepção nietzscheneana de experiência, quando, ao privilegiar a dimensão do sonho, da ilusão e do desejo mobilizador dos atletas, nos permite iluminar as próprias deficiências do conceito corrente de Esporte. Essa obra nos permite entender que, à semelhança dos artistas, dos músicos, dos poetas e dos literatos, os atletas têm sido, a seu próprio modo, heróis modernos da resistência cultural ao realismo distópico do nosso tempo. Ao encarnarem o mito, esses heróis culturais passam a representar as próprias fontes de dissipação da ignorância. Seus gestos, conforme postulou Campbell⁵, evocam experiências de “reconciliação entre consciência individual e vontade universal (p. 232)”.

Num passado não tão distante, os atletas podiam ser deliberadamente expulsos das instituições de prática esportiva por conta de sua cor, ou serem proibidos de praticar determinadas modalidades por conta de seu sexo. A longa e inconclusa marcha que empreenderam pela vontade de Ser no e através do Esporte, foi, como ainda tem sido, a força demolidora das fortificações alegóricas que represam o seu devir-humano. Não há como dizer que este movimento fundamental é fruto da genialidade ou ‘grau de consciência’ dos seus protagonistas. Pelo contrário, a civilização do Esporte é fruto da intransigente persistência de sujeitos históricos quase sempre atravessados pela interdição do acesso aos direitos prometidos pela democracia liberal burguesa. Conforme o leitor de ‘O atleta e o mito do herói’ poderá concluir, é no mito que se encontram as forças que nos conduzem à sala central da vontade de existir para além do biológico, tendo na arte, na poesia, na música, na dança, mas também no Esporte, as formas de manutenção do nosso encantamento com o mundo^{3,6}.

Referências

- 1 Freire, P. Última entrevista do professor [internet]. [São Paulo]: TV PUC-SP, 17 abr 1997 [citado 27 mar 2021]. Vídeo: 01:19 min. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cyYKlu_LdP0
- 2 Nietzsche FW. O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras; 1992.
- 3 Rubio K. O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
- 4 Huizinga J. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva; 1971.
- 5 Dardot P, Laval, C. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo; 2016.
- 6 Campbell J. O herói de mil faces. São Paulo: Pensamento; 2007.
- 7 Aristóteles. Poética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2008.
- 8 Debord G. Sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto; 1997.
- 9 Ferreira Júnior NS. O herói com rosto africano e o atleta olímpico negro. In: Rubio K. (Org). Esporte e Mito. São Paulo: Laços; 2017. p. 199-220.
- 10 Zimmermann M. O professor inesquecível nas narrativas de atletas olímpicos brasileiros [dissertação]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo; 2019.
- 11 Giddens A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp; 1991.
- 12 Parry J, Robinson S, Watson N, Nesti Mark. Sport and spirituality: an introduction. New York: Routledge; 2007.
- 13 Pich S. A mítica neoliberal, o sistema esportivo, a mídia e o herói esportivo: a construção de uma estória de retalhos de verdade mascarada de verdade revelada. *Perspectiva*. 2003; 21(1): 199-227.
- 14 Ferreira Júnior NS, Rubio K. Para onde vai o esporte sob a razão neoliberal. In: Camilo JAO, Rubio k (Orgs.). Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios. São Paulo: Laços; 2020.
- 15 Tadeu T. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: Haraway D, Kunzru H, Tadeu T (Orgs). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Nelo Horizonte: Autêntica; 2009.
- 16 Thomson S, Ma J. This is peak Olympic. In: *The New York Times*. 02 Feb 2018 [citado 27 mar 2021]. Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2018/02/10/opinion/this-is-peak-olympics.html>.
- 17 Brohm JM. Sociología política del deporte. México: Fondo de Cultura Económica; 1982.
- 18 Castellani Filho, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus; 1988.
- 19 Soares CL. Educação Física: raízes europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados; 2001.
- 20 Nietzsche FW. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras; 2005.